


ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE NEGAÇÃO SINTÁTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Selmo Ribeiro Figueiredo Junior*

 <https://orcid.org/0000-0001-8367-0306>

Como citar este artigo: FIGUEIREDO JUNIOR, S. R. Algumas estratégias de negação sintática no português brasileiro. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETL16373>.

Submissão: 12 de agosto de 2023. **Aceite:** 8 de fevereiro de 2024.

Resumo: Este artigo aborda a negação via dialetologia, com foco na sintaxe do português falado no Brasil, com recorte na relação posicional entre operador de negação e aquilo abrangido em seu escopo. A discussão começa com a conhecida tricotomia *negação pré-verbal*, *dupla negação* e *negação pós-verbal*, segue à classificação tripartite *negação sentencial*, *negação de sintagma complexo* e *negação de constituinte* para então chegar à identificação de nove estratégias (ou *types*) de negação sintática específicas.

Palavras-chave: Dialetologia. Sintaxe. Negação. Variação linguística. Correlações extralinguísticas.

* Faculdade de Tecnologia (Fatec), Piracicaba, São Paulo. E-mail: selmojunior@gmail.com

INTRODUÇÃO¹

De acordo com Zeijlstra (2015), toda língua natural dispõe de algum recurso cujo propósito seja inverter o valor de verdade de sentenças, ou seja, algum recurso de negação. Todavia, nem sempre se trata de valor de verdade. Esse é o caso de uma sentença como (1):

(1) “**Não** corral!”

O imperativo nesse caso expressa uma ordem que, no momento da sua enunciação, não pode ser verificada em termos de verdade. Enquanto ato de fala, ela pode ser medida *a posteriori*, com uma necessária extrapolção dos níveis linguísticos, ou seja, com uma necessária referência ao âmbito pragmático-social (cf., por exemplo, Han, 2001). Por essa e outras razões, a negação em línguas naturais, apesar de já bastante explorada investigativamente², ainda impõe muita labuta aos linguistas em particular.

Embora toda língua disponha de algum recurso de negação, operadores de negação podem diferenciar-se de um idioma a outro. Essa diversidade é ampla, em forma, função e interpretação, e aumenta de modo considerável quando o escopo de análise vai além do nível estritamente sintático, incluindo nomeadamente os níveis morfológico, prosódico e discursivo-pragmático.

No estudo científico da língua com base empírica, o esforço geral dos pesquisadores é que eles tentem localizar, descrever e explicar os fatores que respondem pela (influência à) produção do seu objeto de investigação. No entanto, o número de fatores (ou variáveis independentes) é vasto. Por exemplo, sabe-se que as regiões geográficas constituem um fator relevante (variável diatópica). Os grupos de falantes têm suas particularidades como efeito da sua estratificação (variável diastrática). Certas situações sociais demandam certos registros de fala (variável diafásica). Indivíduos femininos e indivíduos masculinos possuem diferentes preferências (variável diassexual ou diagenérica). Diferentes gerações são atravessadas por diferentes estados sincrônicos da língua (variável diageracional). A lista de fatores de motivação extralingüística não para por aqui.

Assim, com a existência de uma constelação tanto de recursos de negação (âmbito linguístico) quanto de fatores que os determinam ou influenciam (vindos do âmbito linguístico e do âmbito extralingüístico), um recorte é evidentemente necessário para o presente trabalho. Vamos lidar com a “negação sintática” e, com dados próprios (a partir da seção “Estratégias em detalhes”), vamos correlacionar estratégias de negação específicas com fatores extralingüísticos, nomeadamente com o diastrático, o diageracional e o diassexual.

Aqui, utilizo a expressão “negação sintática” como hiperônimo a distintamente fazer referência à “negação sentencial”, à “negação de sintagma complexo” e à “negação de constituinte”. Assim, ficam de fora morfemas negativos presos (por exemplo, *in-*), pronomes negativos (por exemplo, *nenhum*), pronomes de reforço

¹ Num primeiro momento da pesquisa, como parte de um doutorado na Universidade de São Paulo (USP), o *corpus* foi levantado com os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, procs. 2015/14038-5 e 2011/51787-5), do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD, prog. 57214225) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, proc. 0128-16-3 / 99999.000128/2016-03). Num momento posterior, no âmbito de um estágio de pós-doutoramento na USP, os dados foram processados e analisados, e a presente publicação, a primeira da pesquisa, foi tornada possível graças ao apoio do projeto de pesquisa institucional Cooperatio – Lingvistika, da Univerzita Karlova, Praga, República Tcheca.

² Trabalhos de vulto a esse respeito são, por exemplo, de Haegeman (1995) e Horn (2001), entre tantos outros.

negativo (por exemplo, *algum* pós-verbal em parceria com operador de negação pré-verbal), negação da negação, prosódia sugestiva de negação e negação pragmática sem contraparte linguística.

De uma perspectiva ampla, as diferentes instanciações da negação sintática com que vamos lidar mais centralmente neste trabalho podem ser subsumidas às já mencionadas (2) negação sentencial, (3) negação de sintagma complexo e (4) negação de constituinte, ilustradas adiante³.

- (2) “**Não** está tarde.”
 (3) “– Vamos? – **Não** de novo...”
 (4) “Esta é uma faca **não** afiada.”

O exemplo (2) ilustra uma negação com escopo numa oração. O (3) ilustra especificamente uma negação com escopo num sintagma preposicional. Já o exemplo (4) ilustra uma negação com escopo num item lexical apenas. Na próxima seção, porém, vamos ter um panorama da negação sintática através da conhecida tricotomia constituída pela “negação pré-verbal”, pela “dupla negação” e pela “negação pós-verbal” com apoio em dados coletados e analisados por diferentes pesquisadores em localidades representativas de várias regiões do Brasil. Depois, vamos expandir o panorama com instanciações particulares da negação sintática via estratégias específicas identificadas em dados próprios.

TRÊS ESTRATÉGIAS DE NEGAÇÃO SINTÁTICA

Yacovenco e Nascimento (2016) aduzem a negação pré-verbal, a dupla negação e a negação pós-verbal, e as analisam com base em dados próprios (extraídos de 18 entrevistas do *corpus* Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix, estado do Espírito Santo) e em dados trazidos pelos estudos de Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2000), Alkmim (2001), Rocha (2013) e Goldnadel *et al.* (2013). Elas apresentam as três estratégias de negação da seguinte forma⁴: “N + SV” (negação pré-verbal) (5); “N + SV + N” (dupla negação) (6); e “SV + N” (negação pós-verbal) (7). Na notação, “N” denota “negação”; “SV”, “sintagma verbal”. Seguem os exemplos respectivos:

- (5) “Ah, **não** tem a vida muito boa, sei lá.”
 (6) “Compraria carro também, só que eu **não** tenho idade ainda **não**.”
 (7) “Alimentação é normal. Tem nada de regime de nada **não**.”

Os resultados gerais obtidos nos estudos referidos encontram-se quantificados na Tabela 1. As reduções na primeira coluna referem-se a diferentes estados nacionais – “ES” = “Espírito Santo”, “CE” = “Ceará”, “RN” = “Rio Grande do Norte”, “MG” = “Minas Gerais”, “SP” = “São Paulo”, “SC” = “Santa Catarina”, “PR” = “Paraná”, “RS” = “Rio Grande do Sul” –, enquanto a redução “S/O” nas duas últimas colunas denota “sem ocorrências”.

3 Na presente elaboração, subsumo tacitamente a dupla negação à negação sentencial.

4 Reproduções de Yacovenco e Nascimento (2016) extraídas do *corpus* PortVix.

Cidade	Negação pré-verbal		Dupla negação		Negação pós-verbal	
	N	%	N	%	N	%
Vitória, ES	1.751/2.263	77,4	478/2.263	21,1	34/2.263	1,5
Fortaleza, CE	625/774	77,0	149/774	18,0	39/774	5,0
Natal, RN	308/466	66,1	96/466	20,6	62/466	13,3
Mariana, MG	1.787/2.505	71,5	489/2.505	19,5	40/2.505	1,5
São Paulo, SP	5.279/5.607	94,0	354/5.607	5,8	4/5.607	0,2
Florianópolis, SC	1.018/1.065	95,6	47/1.065	4,4	S/O	S/O
Curitiba, PR	1.371/1.408	97,4	37/1.408	2,6	S/O	S/O
Porto Alegre, RS	1.402/1.410	99,4	8/1.410	0,6	S/O	S/O

Tabela 1 – Negação em várias regiões brasileiras⁵

Fonte: Yacovenço e Nascimento (2016, p. 134-135).

Em Vitória, a negação pré-verbal predomina, com 77,4%. Em segundo lugar, vem a dupla negação, com 21,1%. A negação pós-verbal tem ocorrência bastante baixa. Com esse fato considerado, pode-se dizer que os vitorenses praticamente não lançam mão da terceira estratégia, em favor sobretudo da primeira. Em Fortaleza, o quadro é essencialmente o mesmo. Apenas que a negação pós-verbal se eleva um pouco mais. A situação já passa a mudar mais com relação a Natal, onde a negação pós-verbal logra já significativos 13,3%, o que a torna relativamente próxima da segunda colocada, a dupla negação. Sua primeira estratégia cai praticamente 10% em comparação com as localidades anteriores. Já Mariana nivela-se com Vitória no que concerne às três estratégias em questão. Apenas há uma diferença mais sensível quanto à negação pré-verbal, a qual Mariana produz um pouco menos do que Vitória. Uma primeira explosão na relação das localidades até aqui consideradas diz respeito à cidade de São Paulo, onde a negação pré-verbal obtém altivos 94% de frequência relativa, deixando as outras duas estratégias de negação extremamente à margem. Tal situação é essencialmente compartilhada com as localidades restantes: Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Estas últimas fazem parte da Região Sul do Brasil. Pelos resultados exibidos na Tabela 1, fica copiosamente claro que os sulistas virtualmente só se servem da negação pré-verbal.

ESTRATÉGIAS EM DETALHES

A partir desta seção, vamos abordar estratégias de negação específicas, em extensão a uma perspectiva tricotômica, com base em dados de pesquisa própria. A coleta teve lugar no âmbito do meu doutoramento, objetivando a elaboração de um atlas linguístico (Figueiredo Junior, 2019) sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior⁶. Contudo, em função da priorização de outros níveis linguísticos

⁵ Os 7,5% faltantes na linha de Mariana referem-se a uma outra variante não contemplada pela tabela.

⁶ Fapesp (procs. 2015/14038-5 e 2011/51787-5), DAAD (prog. 57214225) e Capes (proc. 0128-16-3 / 99999.000128/2016-03).

à época, os dados sintáticos permaneceram intocados até o pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo (2019-2021), recém-concluído, que fora proposto especificamente para processar tais dados, e o presente artigo divulga os primeiros resultados mais adiante.

Metodologia

Com o aporte teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional (Radtke; Thun, 1996; Thun, 2000, 2005), dados sintáticos foram coletados e análises inéditas sobre estratégias de negação no português brasileiro são apresentadas. O instrumento metodológico de coleta aplicado é uma versão modificada do Questionário Morfossintático (QMS) originalmente desenvolvido pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2001). Aqui, importam-nos as questões 47, 48 e 49, por serem as perguntas do QMS que tematizam a negação, cujos enunciados o Quadro 1 exhibe.

Q47	Vc/Sr sabe se tem vida em outro planeta / na lua?
Q48	Vc/Sr já viu disco voador?
Q49	Vc/Sr já viajou de avião? / Tem medo de viajar de avião?

Legenda: vc = você; sr = o senhor / a senhora

Quadro 1 – Questões do QMS

A elas, responderam 80 informantes⁷. Em cada grupo, uma metade tinha baixa escolaridade (do analfabetismo até o ensino médio/secundário incompleto; classe b, Cb), e a outra metade tinha alta escolaridade (a partir dos estudos superiores/do terceiro grau, completos ou incompletos; classe a, Ca). Ainda, uma metade tinha de 18 a 36 anos (grupo geracional I, GI), e a outra metade tinha a partir de 55 anos (GII). Além disso, uma metade era formada por mulheres (Wf), e outra metade era formada por homens (Wm). Todos os informantes tinham um total não inferior a três quartos da vida morando na respectiva localidade. Desse tempo, todos lá estavam de modo ininterrupto pelos últimos cinco anos pelo menos.

Portanto, no estudo, Cb e Ca constituíram os valores alternativos possíveis para a variável diastrática (Cx); GI e GII; os valores alternativos possíveis para a variável diageracional (Gy); e Wf e Wm, os valores alternativos possíveis para a variável diasssexual (Wz). Com isso, os dados dos informantes serviram a três correlações (ou cruzamentos) equitativas e sistemáticas: CxGy, CxWz e WzGy. Antes de abordá-las, vejamos as matrizes do universo das respostas obtidas de uma perspectiva geral na seção a seguir.

Dados primários

Em ordem decrescente, a Tabela 2 mostra as respostas elicitadas à questão 47. Na segunda coluna, as reduções com suas respectivas formas por extenso são as seguintes: “neg.” = “negação”; “orac.” = “oracional”; “SV” = “sintagma verbal”;

7 Das seguintes dez localidades: Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariçuama, São Roque, Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Tietê, Capivari e Piracicaba.

“SV1” = “SV da matriz”; “SV2” = “SV encaixado”; “conj.” = “conjunção”; “enc.” = “encaixada”; “extraorac.” = “extraoracional”; “CNV” = “constituente não verbal”; “SP” = “sintagma preposicional”. Os parênteses encerram o elemento contingente. As chaves organizam as hierarquias sintáticas.

Estratégias de negação			FA	FR	
(i)	{neg. orac. + SV}	→	{NO + SV}	38	59%
(ii)	{SV1 + conj. + {neg. orac. enc. (+ SV2)}}	→	{SV1 + C + {NOS (+ SV2)}}	14	22%
(iii)	{apenas neg.}	→	{a.N}	3	5%
(iv)	{{neg. extraorac.} {(+ conj.)} + {SV(s)}}	→	{{NE} {(+ C)} + {SV(s)}}	2	3%
(v)	{{neg. orac. + SV} + {neg. extraorac.}}	→	{{NO + SV} + {NE}}	2	3%
(vi)	{sintagma não verbal + neg.}	→	{SNV + N}	2	3%
(vii)	{{neg. extraorac.} + {neg. orac. + SV}}	→	{{NE} + {NO + SV}}	1	2%
(viii)	{neg. de constituinte não verbal + CNV}	→	{NCNV + CNV}	1	2%
(ix)	{SV1 + conj. + {SP + negação orac. enc.}}	→	{SV1 + C + {SP + NOS}}	1	2%
[RI]				16	
			Σ:	80	100%

Legenda: RI = respostas inválidas; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa com base nas respostas válidas.

Tabela 2 – Matriz referente à Q47

Das respostas concretas registradas à questão 47, uma amostra aleatória ilustrativa é a que segue: (i) “**Não** sei.” (informante 4); (ii) “Acho que **não** tem.” (inf. 45); (iii) “**Não**.” (inf. 15); (iv) “**Não**, mas acredito que sim.” (inf. 52); (v) “**Não** acredito, **não**.” (inf. 71); (vi) “Com provas, **não**.” (inf. 77); (vii) “**Não, não** sei.” (inf. 32); (viii) “Talvez **não** iguais à da Terra.” (inf. 49); e (ix) “Acho que na lua **não**.” (inf. 25). Ato contínuo, a Tabela 3 apresenta a matriz referente à questão 48.

Estratégias de negação			FA	FR	
(a)	{apenas neg.}	→	{a.N}	52	71%
(b)	{neg. orac. + SV}	→	{NO + SV}	10	14%
(c)	{{neg. extraorac.} {(+ conj.)} + {SV(s)}}	→	{{NE} {(+ C)} + {SV(s)}}	5	7%
(d)	{{neg. extraorac.} + {neg. orac. + SV}}	→	{{NE} + {NO + SV}}	3	4%
(e)	{sintagma não verbal + neg.}	→	{SNV + N}	2	3%
(f)	{SV1 + conj. + {neg. orac. enc. (+ SV2)}}	→	{SV1 + C + {NOS (+ SV2)}}	1	1%
[RI]				7	
			Σ:	80	100%

Legenda: RI = respostas inválidas; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa com base nas respostas válidas.

Tabela 3 – Matriz referente à Q48

Um recorte aleatório ilustrativo do conjunto das respostas elicitadas à Q48 é o que segue: (a) “**Não.**” (inf. 25); (b) “**Nunca** vi.” (inf. 36); (c) “**Não**, mas vi coisas...” (inf. 60); (d) “**Não, nunca** vi.” (inf. 39); (e) “Graças a Deus, **não.**” (inf. 1); e (f) “Acho que **não.**” (inf. 35). Por fim, a Tabela 4 aduz a matriz referente à questão 49.

Estratégias de negação			FA	FR
(A)	{apenas neg.}	→	{a.N}	38 51%
(B)	{neg. orac. + SV}	→	{NO + SV}	20 27%
(C)	{{neg. extraorac.} + {neg. orac. + SV}}	→	{{NE} + {NO + SV}}	8 11%
(D)	{neg. de constituinte não verbal + CNV}	→	{NCNV + CNV}	3 4%
(E)	{{neg. orac. + SV} + {neg. extraorac.}}	→	{{NO + SV} + {NE}}	3 4%
(F)	{SV1 + conj. + {neg. orac. enc. (+ SV2)}}	→	{SV1 + C + {NOS (+ SV2)}}	2 3%
(G)	{{neg. extraorac.} {(+ conj.)} + {SV(s)}}	→	{{NE} {(+ C)} + {SV(s)}}	1 1%
[RI]			5	
			Σ:	80 100%

Legenda: RI = respostas inválidas; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa com base nas respostas válidas.

Tabela 4 – Matriz referente à Q49

Como feito antes a respeito das questões anteriores, eis aqui também uma amostra aleatória ilustrativa à Q49: (A) “**Não.**” (inf. 46); (B) “**Nunca** viajei.” (inf. 24); (C) “**Não, nem** pretendo.” (inf. 56); (D) “**Nem** um pouco.” (inf. 51); (E) “**Não** tenho medo, **não.**” (inf. 43); (F) “Acho que **não.**” (inf. 71); e (G) “**Não**, tenho medo.” (inf. 72). A Tabela 5 unifica os dados das tabelas 2, 3 e 4.

Estratégias de negação			FA	FR
(I)	{a.N}		93	44%
(II)	{NO + SV}		68	32%
(III)	{SV1 + C + {NOS (+ SV2)}}		17	8%
(IV)	{{NE} + {NO + SV}}		12	6%
(V)	{{NE} {(+ C)} + {SV(s)}}		8	4%
(VI)	{{NO + SV} + {NE}}		5	2%
(VII)	{NCNV + CNV}		4	2%
(VIII)	{SNV + N}		4	2%
(IX)	{SV1 + C + {SP + NOS}}		1	0%
[RI]			28	
			Σ:	240 100%

Legenda: RI = respostas inválidas; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa com base nas respostas válidas.

Tabela 5 – Matriz geral

O equivalente gráfico dos dados válidos da Tabela 5 é o Gráfico 1. Ele será importante para os propósitos comparativos da próxima seção, na qual serão feitas correlações entre os resultados da matriz geral e as variáveis extralinguísticas controladas no estudo, referentes aos perfis dos informantes, ou seja, as variáveis (ou fatores) diastrática, diageracional e a diassexual.

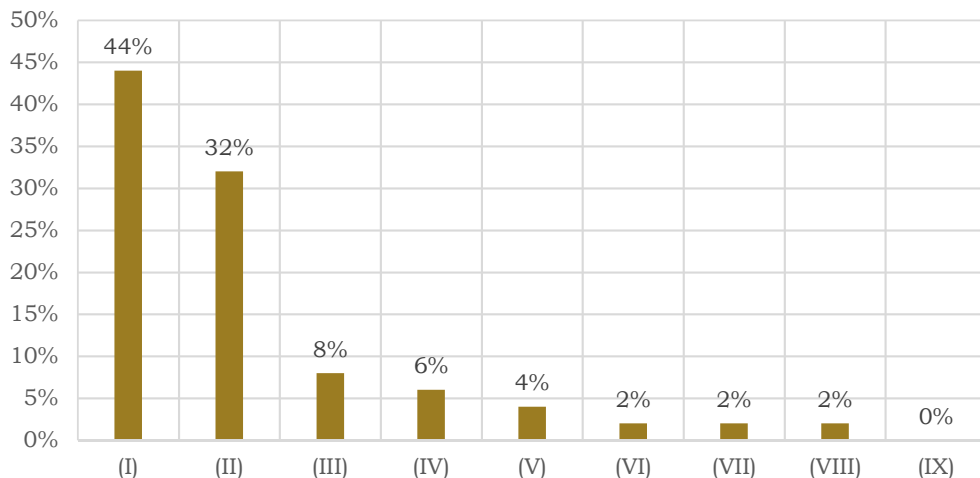


Gráfico 1 – Distribuição estatística da matriz geral⁸

Correlações e análises

Esta seção apresenta cruzamentos entre a produção linguística dos 80 informantes inquiridos e os fatores extralinguísticos a eles mesmos associados. Para isso, vamos considerar nas tabelas e nos gráficos não só as estratégias de negação mais estatisticamente significativas (I-IV), mas ainda as menos significativas (V-IX), em consonância com o interesse da dialetologia pluridimensional, atenta também aos resultados menos expressivos quantitativamente. Neste artigo, porém, o foco analítico recai nas variantes mais estatisticamente significativas. A Tabela 6 correlaciona os dados válidos às variáveis diastrática e diageracional.

Var.	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
(I)	20	42%	24	42%	19	35%	30	57%
(II)	16	33%	21	37%	20	37%	11	21%
(III)	3	6%	4	7%	6	11%	4	8%
(IV)	2	4%	3	5%	5	9%	2	4%
(V)	3	6%	1	2%	1	2%	3	6%

(continua)

⁸ Ver Tabela 5 para índice das estratégias aqui apenas numeradas por simplicidade.

Var.	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
(VI)	2	4%	0	0%	2	4%	1	2%
(VII)	0	0%	3	5%	0	0%	1	2%
(VIII)	2	4%	0	0%	1	2%	1	2%
(IX)	0	0%	1	2%	0	0%	0	0%
Σ	48	100%	57	100%	54	100%	53	100%

Legenda: Var. = variante; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa entre os dados válidos; Ca/b = classe escolar alta/baixa; GII/I = grupo etário velho/jovem.

Tabela 6 – Cruzamento CxGy

Como se observa na Tabela 6, a variante {a.N} (I) – que é a com a substância linguística mais leve dentre todas – é a norma⁹ entre os falantes jovens da classe baixa, com 57% de FR. Esse valor é responsável por colocar a classe baixa como um todo (isto é, considerados ao mesmo tempo seus dois grupos) na posição daqueles que mais articulam {a.N}: sua média aritmética é 46% (= (57% + 35%) / 2) contra 42% da classe alta. Em compensação, o mesmo grupo jovem da classe baixa é o que menos lança mão da estratégia {NO + SV} (II), com 21% de FR. Contudo, nota-se um equilíbrio no uso dessa variante por parte tanto do grupo jovem da classe alta quanto do grupo velho da classe baixa, antagônicos entre si. Apesar disso, em ambos a estratégia {NO + SV} obtém 37% de FR cada. Esse fato contrasta o anterior, apontando para a plausibilidade de que {NO + SV} tem aplicação não influenciada por fatores extralinguísticos.

Quanto à estratégia {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III), há evidências, ainda que tênues, de que sua utilização é influenciada pelo fator diastrático: as frequências relativas mais altas estão ao lado da classe baixa. São 11% e 8% de FR observados na classe baixa velha e na classe baixa jovem, respectivamente, contra 6% e 7% de FR observados na classe alta velha e na classe alta jovem, respectivamente. Com relação à variante {{NE} + {NO + SV}} (IV), tendo-se o parâmetro > 5% para valores estatisticamente significativos, nota-se que a estratégia em questão só é significativa na classe baixa velha, com 9% de FR, enquanto os outros três grupos pontuaram abaixo do parâmetro referido. No que tange à variante {{NE} {+ C} + {SV(s)}} (V), as evidências quantitativas exibidas na Tabela 6 sinalizam neutralidade de influência de fatores extralinguísticos, já que grupos antagônicos realizam os mesmos valores: a classe alta velha e a classe baixa jovem apresentam-se com 6% de FR cada, e a classe alta jovem e a classe baixa velha apresentam-se com 2% de FR cada. Isso dito, passemos ao Gráfico 2 a seguir, derivado da Tabela 6. Tal gráfico computa os dados das primeiras quatro variantes (I-IV) e agrupa as demais (V-IX) em “O” (de “outras”).

9 Neste artigo, norma denota uma variante com frequência relativa > 50%.

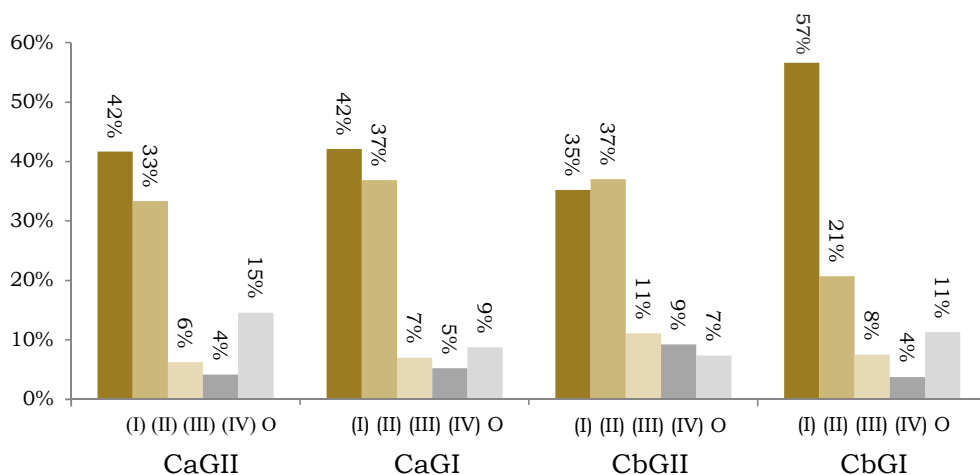


Gráfico 2 – Distribuição pelos grupos de falantes em cruzamento CxGy

A base documental do Gráfico 2 conta com 212 (88%) dados válidos (o mesmo se aplica aos gráficos 3 e 4). Além de sua visualização auxiliar no entendimento das inferências anteriores, ele ajuda a avaliar o peso das colunas “O”. As estratégias V-IX atingem seu máximo na classe alta velha, com 15% de FR. Esse fato reduz ainda mais o impacto quantitativo das variantes {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) e {{NE} + {NO + SV}} (IV), com 6% e 4% de FR, respectivamente. De modo ligeiramente reduzido, essa mesma hierarquia é observada na classe alta jovem e na classe baixa jovem. Já quanto à classe baixa velha, as variantes subsumidas a “O” representam o menor valor da série a que pertencem, o que aguça sua irrelevância quantitativa em perspectiva com as demais estratégias.

O Gráfico 2 também evidencia a possibilidade de que a estratégia {a.N} (I) seja progressiva e a estratégia {NO + SV} (II) seja regressiva entre os falantes da classe baixa como um todo: enquanto (II) predomina entre os velhos, a estratégia (I) é hegemônica entre os jovens. Em relação a tal comparação entre indivíduos da classe alta, nota-se um equilíbrio entre os velhos e os jovens, não só concernente às variantes (I) e (II), a propósito, mas também às demais: a ordem descendente das variantes entre os velhos é a mesma entre os jovens, ou seja, (I), (II), “O”, (III) e (IV). Uma correspondência como essa está ausente na classe baixa, do que se conclui que há muito mais variação na classe baixa do que na classe alta, quando o fenômeno enquadrado são as estratégias de negação.

Essas são algumas das inferências mais importantes que podemos realizar com base na Tabela 6 e no Gráfico 2, atuando como complementares entre si, a fim de transparecer os efeitos das variáveis diastrática e diageracional sobre os dados linguísticos. A seguir, vejamos se o cruzamento agora entre as variáveis diastrática e diasssexual (CxWz) retorna algum aspecto extralinguístico importante na produção das estratégias de negação.

Com os quatro perfis listados na Tabela 7 sob consideração, vê-se que a classe baixa masculina com 50% de FR é o grupo que se destaca no emprego da estratégia {a.N} (I). Os valores dos outros três grupos flutuam perto da média de 42%. Relativamente à variante {NO + SV} (II), o grupo que mais a articula é novamente

masculino, mas dessa vez da classe alta, com 42% de FR. O segundo grupo que mais articula é, outrossim, masculino, pertencente à classe baixa, com 33% de FR. Assim, nos limites da perspectiva em questão, o traço masculino é o fator extralingüístico que mais atua na produção da estratégia (II). No que diz respeito à variante {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III), tem-se o contrário: as mulheres, especialmente da classe baixa, respondem pela maior enunciação de (III), com 15% de FR.

Var.	CaWf		CaWm		CbWf		CbWm	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
(I)	21	40%	23	43%	23	42%	26	50%
(II)	15	29%	22	42%	14	25%	17	33%
(III)	4	8%	3	6%	8	15%	2	4%
(IV)	3	6%	2	4%	4	7%	3	6%
(V)	2	4%	2	4%	1	2%	3	6%
(VI)	2	4%	0	0%	3	5%	0	0%
(VII)	3	6%	0	0%	1	2%	0	0%
(VIII)	1	2%	1	2%	1	2%	1	2%
(IX)	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%
Σ	52	100%	53	100%	55	100%	52	100%

Legenda: Var. = variante; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa entre os dados válidos; Ca/b = classe escolar alta/baixa; Wf/m = indivíduo feminino/masculino.

Tabela 7 – Cruzamento CxWz

O cruzamento CxWz com relação à variante {{NE} + {NO + SV}} (IV) não faz emergir nenhum aspecto extralingüístico relevante. Suas frequências relativas em geral orbitam perto da média 6%. A variante {{NE} {+ C} + {SV(s)}} (V), com 6% de FR, é ligeiramente menos rara na classe baixa masculina do que nos demais grupos. De resto, uma vez que as outras estratégias (VI-IX) têm valores ainda mais inexpressivos, passemos a inferências complementares a partir do Gráfico 3.

O Gráfico 3 permite examinar que o conjunto formado pelas variantes “O” (V-IX) presente na classe alta feminina, com 17% de FR, supera as variantes {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) e {{NE} + {NO + SV}} (IV), não só quando estas últimas são tomadas isoladas (8% e 6%, respectivamente), mas também quando elas são tomadas somadas (14%). Esse fato também reduz a importância das estratégias (III) e (IV) e, em contraste, destaca a importância das estratégias {a.N} (I) e {NO + SV} (II) do ponto de vista da frequência relativa, com 40% e 29% de FR, respectivamente.

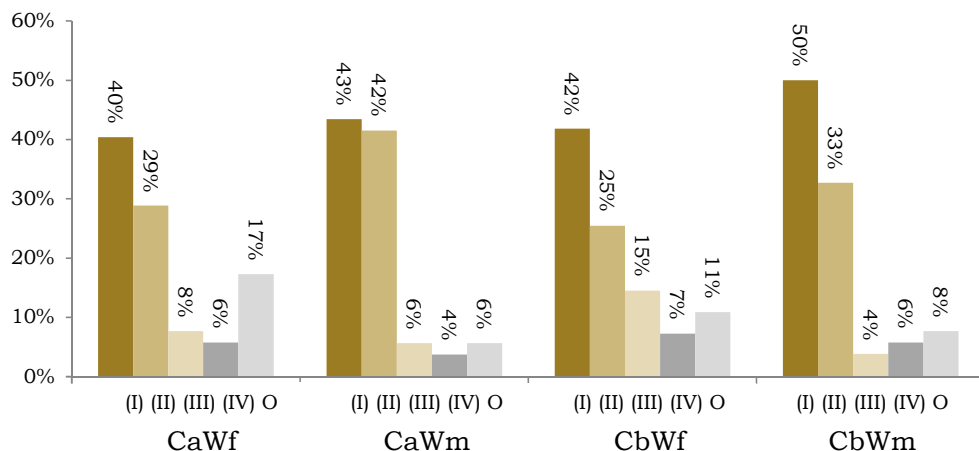


Gráfico 3 – Distribuição pelos grupos de falantes em cruzamento CxWz

Ainda com referência às variantes (I) e (II), importa notar que o intervalo percentual existente entre a primeira e a segunda na classe baixa feminina (o qual o Gráfico 3 ajuda a visualizar) é o mesmo existente na classe baixa masculina: 17 pontos percentuais. Ou seja, a aplicação de ambas as estratégias de negação é homogênea entre os falantes da classe baixa. Já na classe alta masculina, virtualmente não há diferença de preferência por {a.N} ou por {NO + SV}.

Outro aspecto que o Gráfico 3 oportuniza enxergar é a ampla diferença que o valor obtido pela variante {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) na classe baixa feminina impõe em relação a seus demais valores nos outros três grupos de falantes. Enquanto são 15% de FR na classe baixa feminina, são apenas 8%, 6% e 4% na classe alta feminina, na classe alta masculina e na classe baixa masculina, respectivamente. Isso dito, para o cumprimento por inteiro do propósito da presente seção, resta-nos abordar o cruzamento dos dados com as variáveis diassexual e diageracional (WzGy). A Tabela 8 será de auxílio.

Var.	WfGII		WfGI		WmGII		WmGI	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
(I)	17	33%	27	48%	22	43%	27	50%
(II)	16	31%	13	23%	20	39%	19	35%
(III)	5	10%	7	13%	4	8%	1	2%
(IV)	4	8%	3	5%	3	6%	2	4%
(V)	3	6%	0	0%	1	2%	4	7%
(VI)	4	8%	1	2%	0	0%	0	0%
(VII)	0	0%	4	7%	0	0%	0	0%

(continua)

Var.	WfGII		WfGI		WmGII		WmGI	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
(VIII)	2	4%	0	0%	1	2%	1	2%
(IX)	0	0%	1	2%	0	0%	0	0%
Σ	51	100%	56	100%	51	100%	54	100%

Legenda: Var. = variante; FA = frequência absoluta; FR = frequência relativa entre os dados válidos; Wf/m = indivíduo feminino/masculino; GII/I = grupo etário velho/jovem.

Tabela 8 – Cruzamento WzGy

Com as três tabelas dos cruzamentos agora disponíveis (tabelas 6, 7 e 8), podemos também proceder a uma operação comparativa entre os três cruzamentos. As correlações assim de segundo nível podem ser profundas – e utilmente elucidativas. Numa delas, colocam-se em perspectiva, por exemplo, os seguintes três fatos referentes à estratégia {a.N} (I): (α) essa estratégia obtém 57% de FR no grupo de falantes jovens da classe baixa (CbGI, cf. Tabela 6); (β) obtém 50% no grupo de falantes masculinos da classe baixa (CbWm, cf. Tabela 7); e (γ) ainda obtém 50% no grupo de falantes masculinos jovens (WmGI, cf. Tabela 8). Isso posto de modo sintético, expressa-se da seguinte forma: (α) CbGI: 57%, (β) CbWm: 50% e (γ) WmGI: 50%. Trata-se de grupos que possuem entre si o compartilhamento de um aspecto social cuja especificação depende das correlações em pares.

Enfocando-se seus valores, nota-se um desvio percentual do fato (α) a distar da congruência observada entre (β) e (γ). Logo, algum fator presente na causação do fato (α) deve responder pelo desvio ascendente sob consideração. Uma hipótese é o desvio ascendente presente no fato (α) estar sendo causado pelas mulheres. A dedução ampara-se no fato de que o grupo CbGI encerra mulheres (além de homens), contrariamente aos grupos CbWm e WmGI, os quais são formados apenas por homens. Adicionalmente, os outros dois aspectos dos cruzamentos – classe baixa e grupo etário jovem – compartilham-se entre CbGI-CbWm e CbGI-WmGI, respectivamente, o que reforça a hipótese aventada.

Nesse mesmo exercício contrastivo, relativamente à variante {NO + SV} (II), perfilam-se agora os seguintes fatos: (i) ela obtém 37% de FR no grupo de falantes jovens da classe alta (CaGI, cf. Tabela 6); (ii) 42% no grupo de falantes masculinos da classe alta (CaWm, cf. Tabela 7); e (iii) 23% no grupo de falantes femininos jovens (WfGI, cf. Tabela 8). O correspondente sintético é: (i) CaGI: 37%, (ii) CaWm: 42% e (iii) WfGI: 23%. O fato (iii) dista do fato (i) por 14 pontos percentuais e do fato (ii) por 19. Portanto, algum fator presente na produção da estratégia {NO + SV} pelo grupo WfGI faz com que ela caia. A hipótese é que esse fator seja diasssexual ou diastrático, ligado nomeadamente, nesse caso, ao aspecto feminino ou à classe baixa. Isso ocorre porque a comparação dos três grupos retorna como resultados o fato de que CaGI é diasssexualmente misto, o fato de que CaWm é formado só por homens e ainda o fato de que ambos os grupos estão associados à classe alta. Um apoio para nos ajudar a determinar se se trata de um aspecto diasssexual ou diastrático encontra-se na Tabela 7, na qual CaWf está com 29% de FR e CbWf está com 25%. Portanto, o aspecto que parece

mais influente é o diasssexual, embora o ideal seja a mobilização de uma base empírica quantitativa superior.

Com referência à variante $\{SV1 + C + \{NOS (+ SV2)\}\}$ (III), em compensação, o grupo WfGI desponta com 13% de FR. Esse fato faz com que o grupo WfGI, no âmbito do próprio cruzamento WzGy, seja o que mais se vale da estratégia (III). Com apoio do valor obtido pelo grupo WfGII, o segundo mais produtivo da variante (III), conclui-se que essa variante é mais expressa por mulheres (sobretudo jovens) do que por homens. Tal conclusão, que destaca o papel das mulheres na aplicação da estratégia (III), é reforçada pela correlação envolvendo os três cruzamentos com que estamos lidando neste estudo (CxGy, CxWz e WzGy), nomeadamente envolvendo os grupos CaGI, CaWm e WfGI. Os dois primeiros obtêm 7% e 6% de FR, valores que somente somados equiparam-se ao valor logrado pelo terceiro, 13%. Adicionalmente, se o olhar se volta aos dados organizados na Tabela 7, observa-se que tais mulheres são predominantemente da classe baixa.

No que concerne à estratégia $\{\{NE\} + \{NO + SV\}\}$ (IV), o contraste entre os três cruzamentos retorna como resultado o fato de que os velhos da classe baixa são os falantes que mais a utilizam. Quanto à estratégia $\{\{NE\} \{+ C\} + \{SV(s)\}\}$ (V), os homens jovens da classe baixa utilizam-na com um pouco mais de frequência. Sugerem-no timidamente (porquanto a base quantitativa é rarefata) os dados associados ao perfil CbGI na Tabela 6, os dados associados ao perfil CbWm na Tabela 7 e os dados associados ao perfil WmGI na Tabela 8, em contraste aos demais perfis. Já quanto à variante $\{\{NO + SV\} + \{NE\}\}$ (VI), seus utentes mais frequentes são as mulheres velhas, com 8% de FR no cruzamento WzGy. Esse fato ganha força bastante considerável ao lado da ausência completa de produção da variante por parte dos homens (cf. CaWm e CbWm na Tabela 7, bem como WmGII e WmGI na Tabela 8). Isso posto, exploremos a seguir o Gráfico 4, o qual congrega as estratégias de baixo impacto sob o rótulo “O”, além de visualmente auxiliar na identificação de padrões envolvendo as demais estratégias.

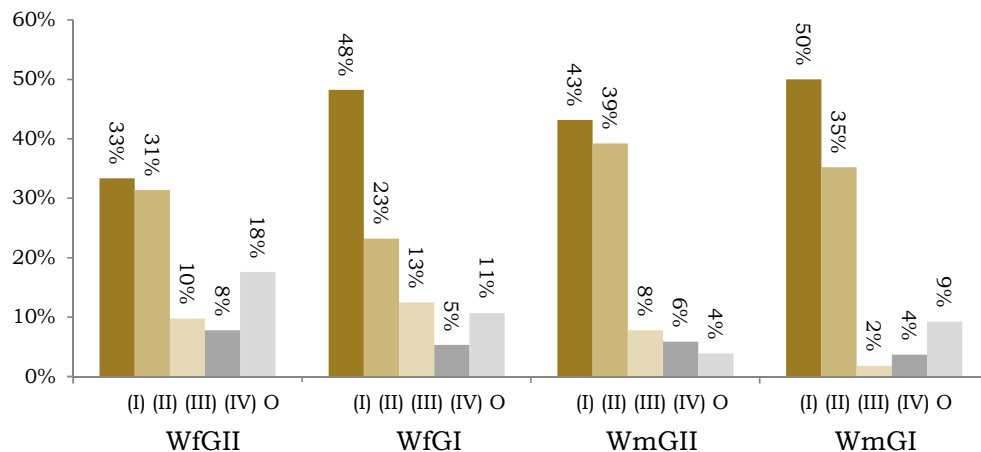


Gráfico 4 – Distribuição pelos grupos de falantes em cruzamento WzGy

Complementando as análises anteriores, novas deduções a seguir baseiam-se no Gráfico 4. Relativamente aos indivíduos femininos velhos (WfGII), diga-se que

eles, a respeito das variantes {a.N} (I) e {NO + SV} (II) – com 33% e 31% de FR, respectivamente –, virtualmente não mostram preferência. A tênue diferença de dois pontos percentuais favoráveis à variante (I) deve estar associada ao fato mais óbvio de ela ser mais leve do ponto de vista da substância. Já com relação às estratégias {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) e {{NE} + {NO + SV}} (IV) – com 10% e 8%, respectivamente – no mesmo grupo, elas ficam quantitativamente ensombradas pelo conjunto das estratégias menos frequentes reunidas sob a designação “O” (V-IX) – com expressivos 18%. Portanto, no páreo para uma tomada séria de primeiro lugar entre as estratégias encontram-se apenas as concorrentes (I) e (II). Outro fato que se infere atinente ao grupo WfGII diz respeito à variação ser nele mais diversificada do que aquela observada em cada um dos demais grupos (WfGI, WmGII e WmGI).

Quanto às mulheres jovens (WfGI), a estratégia (I) virtualmente se põe como uma norma no interior do grupo, soberana com uma distância de 25% da segunda colocada (II). Nesse mesmo grupo, a variante {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) logra seu maior valor de frequência relativa, 13%. Seu segundo maior valor, 10%, vincula-se às mulheres velhas (WfGII). Com isso considerado, conclui-se que a estratégia (III) é mais aplicada pelas mulheres do que pelos homens. O caso mais contrastivo a esse respeito é o valor de apenas 2% da parte dos homens jovens.

O par (I)-(II) entre as mulheres velhas (WfGII) e os homens velhos (WmGII) tem uma proporcionalidade só não exata por 2%. Nesses mesmos grupos de falantes, a proporcionalidade do par (III)-(IV) é, por seu turno, exata. Num caso ou noutro, seus valores de FR só não são equivalentes por conta, sobretudo, do *cluster* “O”: no grupo WfGII, ele é inflado (18%); no grupo WmGII, ele é esvaziado (4%). De qualquer maneira, as proporcionalidades apontadas sugerem um padrão de produção de estratégias compartilhado entre os velhos em geral.

No grupo dos homens jovens (WmGI), a estratégia {a.N} (I), com 50% de FR, é praticamente uma norma entre tais falantes – semelhantemente à situação correspondente que se observa no grupo das mulheres jovens (WfGI). Porém, (I) é mais prevalente no grupo WfGI do que no grupo WmGI. No primeiro, a vantagem aberta por (I) contra (II) é de 25%. No segundo, essa vantagem é de 15%. Ademais, por uma perspectiva geral, nota-se que a variante (I) é uma estratégia mais de jovens do que de velhos.

Outro resultado digno de nota que o Gráfico 4 faz mais facilmente ver é a variante {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}} (III) obter um valor significativamente baixo (2%) no grupo dos falantes masculinos jovens (WmGI) em contraste com os demais grupos de falantes. No outro grupo masculino, daqueles com mais idade, o valor é 8% de FR. Entre as mulheres, esse valor é ainda maior: 10% entre as velhas e 13% entre as jovens. Um corolário que se extrai desse estado de coisas é a estratégia (III) ser diasssexualmente marcada: sua prevalência é feminina.

CONCLUSÃO

Neste estudo, pudemos perceber que a negação sintática, em suas diferentes especificidades, opera sob influência de vários fatores. Do ponto de vista diatópico, por exemplo, vimos que a negação pré-verbal como um todo tem uso massivo no Sul do Brasil. Quanto à dupla negação, ela tem mais abrigo nas regiões Norte e Nordeste. Já a negação pós-verbal só tem frequência relevante no Rio Grande do Norte.

Relativamente à nossa própria pesquisa aqui divulgada, contando com uma base documental com 212 (88%) dados válidos, notamos que a estratégia específica (I) – {a.N}: “**Não.**” – é norma entre os falantes jovens da classe baixa, com 57% de frequência relativa (FR), e a classe baixa como um todo é a que mais articula. Aliás, o grupo jovem da classe baixa é o que menos lança mão da estratégia (II) – {NO + SV}: como em “**Não sei.**” –, com 21% de FR, ao mesmo tempo que os resultados também indicam que tal estratégia tem aplicação não influenciada por fatores extralinguísticos.

Quanto à estratégia (III) – {SV1 + C + {NOS (+ SV2)}}: como em “Acho que **não** tem.” –, há evidências, ainda que sutis, de que sua aplicação é influenciada pelo fator diastrático, nomeadamente pela classe baixa. Com relação à estratégia (IV) – {{NE} + {NO + SV}} (IV): como em “**Não, não sei.**” –, tendo-se em mente o parâmetro > 5% para valores estatisticamente significativos, ela só é significativa na classe baixa velha. No particular da estratégia (V) – {{NE} {{+ C}} + {SV(s)}}: “**Não, mas acredito que sim.**” –, as evidências sinalizam neutralidade de influência de fatores extralinguísticos.

Aponta-se que a estratégia (I) é progressiva e que a estratégia (II) é regressiva entre os falantes da classe baixa como um todo. Isso ocorre porque (II) predomina entre os velhos, e (I) é hegemônica entre os jovens. Em relação a tal comparação entre indivíduos da classe alta, existe um equilíbrio entre os velhos e os jovens não só quanto às variantes (I) e (II), mas também às demais. A ordem descendente das variantes entre os velhos é a mesma notada entre os jovens.

Outra constatação refere-se ao fato de haver muito mais variação na classe baixa do que na classe alta, quando o fenômeno enquadrado são as estratégias de negação. Nota-se também que a classe baixa masculina, com 50% de FR, é o grupo que se destaca no emprego da estratégia (I). Em relação à estratégia (II), o grupo que mais articula é novamente masculino, mas da classe alta. Aliás, o traço masculino é o fator extralinguístico que mais atua na produção da estratégia (II). No que diz respeito à variante (III), acontece o oposto: as mulheres, sobretudo da classe baixa, são os falantes que mais produzem a estratégia (III).

A estratégia (V) é ligeiramente menos rara na classe baixa masculina do que nos outros grupos. Por fim, diga-se que o conjunto composto pelas estratégias de (V) a (IX)¹⁰ presente na classe alta feminina, com surpreendentes 17% de FR, supera quantitativamente as estratégias (III) e (IV), não só quando estas últimas são tomadas isoladas, mas também quando elas são tomadas somadas. Esse fato adicionalmente reduz a importância das estratégias (III) e (IV) e, em contraste, destaca a relevância das estratégias (I) e (II) do ponto de vista da frequência relativa, com 40% e 29% de FR, respectivamente.

SOME SYNTACTIC NEGATION STRATEGIES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: The negation in Brazilian Portuguese syntax is studied via dialectology. The focus lies on the positional relationship between the negation operator and the elements within its scope. We explore the well-known trichotomy of preverbal negation, double negative, and postverbal negation. Moreover, we introduce a tripartite classification consisting of sentence negation, complex phrase

10 (VI): {{NO + SV} + {NE}}, como em “**Não acredito, não.**”; (VII): {NCNV + CNV}, como em “**Nem um pouco.**”; (VIII): {SNV + N}, como em “**Com provas, não.**”; (IX): {SV1 + C + {SP + NOS}}, como em “**Acho que na lua não.**”

negation, and constituent negation. We then identify nine specific strategies (or types) of syntactic negation.

Keywords: Dialectology. Syntax. Negation. Linguistic Variation. Extralinguistic Correlations.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, M. G. R. *As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Eduel, 2001.
- FIGUEIREDO JUNIOR, S. R. *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Variação e mudança no domínio funcional da negação. *Gragoatá*, n. 9, p. 155-170, 2000.
- GOLDNADEL, M. *et al.* Estratégias alternativas de negação sentencial na região Sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto Varsul. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 2, p. 35-74, 2013.
- HAEGEMAN, L. *The syntax of negation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HAN, C. Force, negation and imperatives. *The Linguistic Review*, v. 18, p. 289-325, 2001.
- HORN, L. R. *A natural history of negation*. Standford, CA: CSLI Publications, 2001.
- RADTKE, E.; THUN, H. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: eine Bilanz. In: RADTKE, E.; THUN, H. (org.). *Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 1-24.
- ROCHA, R. S. *A negação dupla no português paulistano*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.
- THUN, H. (dir.). *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay*. Kiel: Westensee-Verl, 2000.
- THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.
- YACOVENCO, L. C.; NASCIMENTO, C. A. R. do. A negação no português falado em Vitória/ES. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 10, n. 17, p. 122-138, 2016.
- ZEIJLSTRA, H. The morpho-syntactic realisation of negation. In: KISS, T.; ALEXIADOU, A. (ed.). *Syntax – theory and analysis: an international handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. v. 1, p. 274-309.